

217 BILHÕES

Economia
Brasil

JORNAL DA TARDE

11 ABR 1984

É o volume de novos créditos do BB, ajudando a reativação.

A retomada do processo de ativação da economia pode ter um novo impulso este mês: o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, anunciou ontem que a contenção dos empréstimos do BB, em abril, será "menos rigorosa" do que ao longo dos últimos três meses. Serão aplicados, este mês, Cr\$ 217 bilhões de recursos novos, 128% acima dos Cr\$ 85 bilhões liberados pelo banco em março.

Enquanto para ele a recuperação da economia é ainda "uma pálida tendência" e para o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, o crescimento zero no nível de emprego registrado pela Fiesp, na última semana de março, não significa que não houve reativação, o presidente do Grupo Econômico, Ângelo Calmon de Sá, está mais confiante, afirmando que a retomada "é pra valer".

A margem de expansão da base monetária, de 3%, prevista pelo

Banco Central para este mês, é que deu margem a esse relativo afrouxamento do controle dos empréstimos do Banco do Brasil, que em março teve de adaptar suas aplicações à exigência de redução de 1.7% no crescimento da emissão primária de moeda.

O Banco do Brasil pretende, além de liberar mais recursos, agilizar o remanejamento de dotações entre suas agências, sobretudo para atender às prioridades do crédito de custeio agrícola no Norte-Nordeste, à comercialização da safra no Centro-Sul, às exportações e às pequenas e médias empresas.

O orçamento do Banco do Brasil prevê a evolução de Cr\$ 373 bilhões do saldo global das aplicações do banco, ao longo deste mês, mas Cr\$ 156 bilhões correspondem basicamente à incorporação dos encargos trimestrais de empréstimos anteriores.

Apesar da aplicação de Cr\$ 217

bilhões de recursos novos, Colin ressaltou que os tetos permanecem apertados. Por exemplo, o banco não poderá suprir o setor exportador com os Cr\$ 150 bilhões solicitados pelo diretor da Carteira de Comércio Exterior do próprio BB (Cecy), Carlos Viacava.

O presidente do Banco do Brasil preferiu manter certa cautela na avaliação do desempenho da economia brasileira, nos próximos meses, ao lembrar os efeitos da operação-tartaruga dos metalúrgicos e da elevação dos juros internacionais. Segundo Colin, a alta dos juros externos terá impacto na produção das empresas com elevado endividamento em moeda estrangeira.

Já o presidente do Banco Econômico afirmou que as exportações darão alavancagem, "maior do que a esperada" à reativação econômica como um todo. Disse que a política cambial em vigor continua a

empurrar o setor exportador, além do aspecto favorável da legislação salarial na formação dos preços relativos das empresas voltadas para o mercado externo. Na sua opinião, a correção cambial mais acelerada e sem abatimento da inflação externa determinou, na prática, outra maxidesvalorização do cruzeiro.

Murilo Macedo considera os dados da Fiesp, que apontam um crescimento zero no nível de emprego em São Paulo, na última semana de março, insuficientes para indicar se houve ou não houve crescimento na indústria, "porque o espaço de tempo de uma semana é muito curto".

— Uma semana não comprova a retomada nem tampouco a não retomada — disse, lembrando que os dados otimistas apresentados pelo governo baseiam-se em pesquisa realizada nas dez regiões metropolitanas, no período de três meses.